

Spread é empecilho ao entendimento

CLAUDIO LESSA
Especial para o CORREIO

Nova Iorque — Empecilhos de última hora, surgidos em torno do montante e da taxa de risco (**spread**), ameaçam fazer desabar o delicado castelo de cartas que é a negociação do Brasil com os bancos credores internacionais, neste momento, em torno de um pacote que está sendo negociado há quase cinco meses.

Segundo fonte com acesso direto ao que se passa no segundo andar do prédio do Citicorp, o problema está basicamente relacionado ao montante e à própria forma de negociação que levou ao encontro de emergência do último domingo. Com relação ao **spread**, o Brasil continua pleiteando pelo menos os 13,16 por cento conseguidos pelo Méxi-

co, em vez dos 14,16 por cento oferecidos pelos bancos credores.

Os bancos europeus, fora da esfera de ação direta do Federal Reserve, o Banco Central dos EUA, e do Departamento do Tesouro Norte-Americano, resistem bravamente a um aumento do montante a ser emprestado ao Brasil. No entanto, a mesma fonte de alto nível acredita que pela lógica, um resultado positivo está prestes a ser alcançado, pois ambos os lados teriam abrandado suas exigências.

As alternativas estudadas pelos negociadores brasileiros e dos bancos credores envolvem, entre outras, a criação de cláusulas de contingência que satisficam os europeus. Essas cláusulas contam com empréstimos a serem obtidos pelo Brasil em instituições multilaterais. O Brasil poderia acertar o montante do empréstimo com os bancos levando em consideração uma cláusula de con-

tingência que determine que, se por acaso um empréstimo do Banco Mundial não atingir determinado nível, os bancos se comprometem a adicionar um certo montante ao que já foi acordado.

Não obstante a sensação de otimismo demonstrada pela alta fonte envolvida diretamente nas negociações, há quem não tenha tanta certeza, e afirme o contrário, ou seja, que as negociações ainda têm um certo caminho a percorrer, e que uma solução não estaria à vista antes de quarta ou quinta-feira desta semana.

Hoje, qualquer que seja o resultado das negociações do Brasil com os bancos credores, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, pretende retornar ao Brasil. Milliet disse inclusive que já comunicou essa sua intenção aos seus interlocutores em Nova Iorque. "Eu não posso permanecer indefinidamente em Nova Iorque, as nego-

ciações podem continuar sem mim", declarou. "Eu passo algum tempo aqui, depois volto. Por exemplo, da outra vez, pelo telefone e através do Seixas (diretor do BC para a dívida externa), alguns avanços foram feitos. Aliás, já há algumas definições a tomar que nos dariam uma razoável segurança sobre os financiamentos das necessidades do balanço de pagamentos brasileiro pelo menos para 1988". Depois, teremos que terminar o resto do acordo, com todas as suas demais características".

Indagado se o Brasil só efetua o pagamento de 580 milhões de dólares se for resolvida a questão do montante e da taxa de risco (**spread**), Milliet respondeu reiterando o espírito que norteia as negociações do Brasil nessa nova fase de reaproximação com seus credores internacionais: os pagamentos serão efetuados à medida em que haja progresso.